



JOSÉ VERÍSSIMO: DA VALORIZAÇÃO ETNOLÓGICA À DEFESA ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO

Marcio Roberto Pereira*
Sidney Barbosa**

RESUMO: Este trabalho analisa a *História da literatura brasileira*, de José Veríssimo, a partir de ruptura com a crítica romântica ou com a interpretação cientificista ao adotar um ecletismo teórico que o faz desconfiar dos sistemas fechados e das classificações únicas. Da valorização etnológica ao sentimento nacionalista ou do cientificismo à defesa estética da construção do cânone literário, a trajetória de José Veríssimo é marcada por uma organicidade que gera o apuramento de seus critérios.

Palavras-Chave: Literatura brasileira; José Veríssimo; crítica literária; cânone, tradição

O estudo da pátria brasileira não como simples agremiação política, mas como uma nacionalidade consciente deve ser o ponto de partida de todos os seus escritores, de todos os seus sábios e de todos os seus artistas, e a única base positiva para assentarem uma cultura verdadeiramente nacional. É esta a inspiração da minha obscuríssima vida literária e o espírito que dirige todos os meus trabalhos.

José Veríssimo, *Estudos brasileiros*, 1889.

1. UMA GERAÇÃO CONTESTANTE

O conjunto de escritores que compõem a chamada “Geração de 1870” construiu uma diversidade de olhares sobre as várias relações culturais e políticas que compõem a formação do caráter nacional brasileiro. Dessa forma o estudo de tais autores se faz necessário para a compreensão e revisão das relações entre cultura e o papel do intelectual frente uma sociedade que, poucos anos após a independência política, buscava uma outra independência: a cultural.

* Universidade Estadual Paulista — UNESP/Assis. Doutor em Letras, Professor do Departamento de Literatura. E-mail: marciorpereira@uol.com.br

** Universidade de Brasília — UnB/ Brasília. Livre-docente em Letras, Professor de Língua e Literatura e-mail: francesca.lucidiney@uol.com.br

Assim sendo, até 1870 a crítica literária brasileira era formada por escritores que, despojados de um instrumental teórico nomeadamente científico, reconheciam a história da literatura mais por seu lado histórico do que pelo literário. Fazem parte dessa fase, dentre outros, escritores estrangeiros e brasileiros como Friedrich Bouterwek (1765-1828), Sismonde de Sismondi (1773-1842), Ferdinand Denis (1798-1890), Gonçalves de Magalhães (1811-1882), Santiago Nunes Ribeiro (falecido em 1847), Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), Joaquim Norberto de Sousa Silva (1820-1891). Tais escritores, estimulados pela fundação da Imprensa Régia no Brasil, pelo decreto de 1808, e pelo movimento de Independência e promoveram a discussão sobre a literatura brasileira e suas relações com o desenvolvimento da nação.

A crítica literária feita no decorrer do Romantismo esboça as primeiras sistematizações da literatura brasileira, reconhecendo a “brasilidade” dos escritores que escrevem sobre o Brasil. Os críticos românticos ao recolher, catalogar e recuperar os textos que formam a literatura brasileira, fornecem as primeiras manifestações de uma cultura erudita que ratifica o desenvolvimento da nação brasileira configurando, assim, um corpus que será revalidado pelos críticos naturalistas a partir de uma variedade de modelos teóricos vindos da Europa.

O efeito desse trabalho será a reconstituição do passado intelectual brasileiro através da formação de uma “genealogia” do pensamento literário nacional. O século XIX, marcado por grandes mudanças políticas e sociais que visam inserir o país na modernidade ocidental, desde 1808, com a chegada de D. João VI ao Brasil, inicia um processo de institucionalização da cultura e da política brasileira que redimensiona a esfera pública nacional e impõe, a partir da Independência (1822), novos rumos para a cultura brasileira.

Como exemplo tem-se a posição de Ferdinand Denis (cf. MOREIRA, 1991, p.30), e muitos outros historiadores românticos, que, associando historicismo e nacionalismo, fundam um sentido retrospectivo para a análise dos escritores brasileiros, aliando ao nacional, originalidade e cor local. Através dessa conciliação, o Brasil inicia uma tradição que, até o início do século XX, vincula literatura brasileira à expressão da nacionalidade e desenvolvimento da sociedade.

O papel dos escritores românticos, ao reconstituir o passado nacional através de genealogias intelectuais, é iniciar uma organização intelectual. Isso os transformará em críticos-historiadores, preocupados com o desenvolvimento da consciência da cultura feita no Brasil, através da efervescência dos ideais românticos, das concepções que legitimam o solo nativo e do sentimento nacional como forma de originalidade e afirmação da nacionalidade.

A sistematização da literatura é feita a partir do ponto de vista cronológico, comprovando o enlace entre compromisso estético e cor local ao se estabelecer relações entre a formação da literatura nacional e o desenvolvimento do Brasil. Tendo seu ápice na Independência, os intelectuais da época identificam-se com os

grupos nativos — daí o indianismo — produzindo uma literatura relacionada com o mundo tropical.

Através dos bosquejos, esboços, parnasos e florilégios surge, com o Romantismo, a sistematização cronológica da literatura brasileira alicerçada na bibliografia dos escritores mais representativos do Brasil. Ao longo do Segundo Reinado (1840-1889) algumas instituições, como os Institutos Históricos e Academias, são encarregadas de elaborar um novo conceito de nação. Os escritores românticos, através de imagens brasileiras — como o índio, o passado heróico, a natureza — em conformidade com os críticos, que misturavam história e literatura na construção de um imaginário nacional, criam um discurso local apoiado em valores metropolitanos, tidos como universais.

Após trezentos anos de colonização, o Brasil organiza um discurso, alicerçado na reordenação de um campo intelectual voltado para ideais de liberdade e originalidade, e, principalmente, de progressivo distanciamento dos modelos e valores portugueses.

Estimulando a incipiente literatura nacional e promovendo o registro das letras no Brasil, os críticos românticos orientam o gosto literário dos leitores e ditam as regras para os jovens escritores, ao formar e delimitar o patrimônio literário que será objeto de estudo dos críticos naturalistas. Na *História da literatura brasileira*, de José Veríssimo, por exemplo, grande parte dos capítulos é formada por escritores do Romantismo, servindo de matéria-prima para o crítico montar seu pensamento analítico. Se os românticos legitimam a literatura brasileira, através da definição do processo de desenvolvimento da autonomia do pensamento nacional, cabe aos críticos naturalistas rever via cientificismo o cânone proposto pelo romantismo. Assim sendo, por meio do pensamento de críticos brasileiros e estrangeiros ou da propagação das idéias literárias apresentadas em revistas e periódicos, os românticos debatem os rumos da literatura brasileira, destacando sua origem e caráter.

Com os ventos da República, no entanto, busca-se uma identificação com os grupos estrangeiros através de um sentimento cosmopolita que faz do Rio de Janeiro o centro da cultura, política e das idéias no Brasil.

2. UMA PERSPECTIVA DINÂMICA

Segundo José Veríssimo o “bando de idéias novas” que formam o pensamento dos intelectuais da chamada “geração de 70” definia um “modernismo” capaz de desvendar as motivações da cultura nacional (VERÍSSIMO, 1916, p.45). A “geração de 70”, utilizando-se das idéias do positivismo e do evolucionismo, difunde os debates intelectuais da época, como a Abolição e a República, desenvolvendo um conceito evolutivo de História, que rompe com o conceito de História natural do século XVIII, vinculado à Biologia, Economia e

Filologia, criando a ilusão de progresso e identidade com o novo Estado-nação brasileiro, ao defender os ideais da República e provocar o distanciamento da situação de colônia.

Os intelectuais da “geração de 70”, a partir de uma perspectiva dinâmica da história, discutem e contribuem para a formação de um novo pensamento na literatura e cultura brasileira, definindo uma elite intelectual que configura uma “ilustração” no desenvolvimento do ideário nacional. Machado de Assis, por exemplo, referindo-se aos poetas da “nova geração”, acreditava que esse “bando de idéias novas”, não seria o principal responsável pela definição da qualidade literária nacional. Ao analisar essa “nova geração”, Machado de Assis observa:

A geração atual tem nas mãos o futuro, contanto que lhe não afrouxe o entusiasmo. Pode adquirir o que lhe falta, e perder o que a deslustra; pode afirmar-se e seguir avante. Se não tem por ora uma expressão clara e definitiva, há de alcançá-la os idôneos. Um escritor de ultramar, Sainte-Beuve, disse um dia, que o talento pode embrenhar-se num mau sistema, mas se for verdadeiro e original, depressa se emancipará e achará a verdadeira poética. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 853)

O entusiasmo a que se refere Machado de Assis pode ser caracterizado pela necessidade de formulação de um conceito de identidade nacional que produz um diálogo entre as matrizes européias e a cultura brasileira, consolidando o enlace entre arte, ciência e política. Com a recepção de modelos europeus, os pensadores da “nova geração” fazem uma interpretação da cultura brasileira, da raça e da natureza tropical a partir de um sincretismo de conceitos, noções e teorias que permeiam as relações entre cultura e sociedade.

As idéias predominantes para essa revisão dos valores da cultura nacional vinham da Europa através das doutrinas positivistas de Auguste Comte (1798-1857) e Émile Littré (1801-1881), do biologismo de Charles Darwin (1809-1882), do evolucionismo de Herbert Spencer (1820-1903), do determinismo de Hippolyte Taine, da concepção historiográfica de Buckle, da filosofia de Immanuel Kant (1724-1804) e Arthur Schopenhauer (1788-1860), entre outros.

A historiografia propõe um movimento de identidade e diferenciação na construção da inteligência brasileira, reproduzindo a experiência européia e sua relativa adaptação aos trópicos. Como afirma José Veríssimo: “o movimento que tenho chamado de modernismo e cujo mais evidente sinal foi, como o europeu de que se originou, o espírito crítico, deu à crítica outra direção e outros critérios.” (VERÍSSIMO, 1979, p. 275)

Vinculados aos ideais do positivismo e do evolucionismo, os letrados brasileiros conheciam melhor a Europa, e, por conseguinte suas idéias e filosofias, do que o próprio Brasil. Tal vinculação trazia ao Rio de Janeiro, cenário da elite cultural brasileira, uma transformação no modo de vida e na mentalidade nacional.

Assim sendo, os intelectuais brasileiros, substituindo um pensamento calcado em relações sociais do tipo senhorial por outro do tipo burguês, buscam um cosmopolitismo que nega os elementos da cultura popular, promovendo uma “regeneração” da cultura brasileira, da cidade do Rio de Janeiro e da política nacional.

No decorrer do tempo, no entanto, essas modificações geram um sentimento de isolamento e ceticismo naqueles intelectuais que, como José Veríssimo, acreditavam na construção de um novo Brasil, a partir da mudança de regime do governo e da valorização da ciência como um antídoto contra todas os problemas sociais que assolavam o país.

Apesar da grande importância do Rio de Janeiro, considerado o principal centro cultural brasileiro, as idéias científicas encontram um terreno fértil em torno das academias de Direito e Medicina e dos grupos ou sociedades intelectuais de outras regiões. Entre esses grupos que faziam o movimento das idéias européias, podem-se citar os de Fortaleza, Recife e Salvador. No Ceará destacam-se pensadores como Capistrano de Abreu (1853-1927), Rocha Lima (1879-1917), Paula Nei (1858-1897), Araripe Júnior e muitos outros, que formam a *Academia Francesa*. Não obstante, em Pernambuco, tendo como líder Tobias Barreto (1839-1889), seguido por Sílvio Romero, a *Escola do Recife*. Desvinculando-se de Portugal, o Brasil toma as idéias da França — também uma mediadora do pensamento inglês e alemão — como parâmetro para a criação de um processo civilizatório universal.

As idéias científicas, vindas da França, consolidam a ruptura da colônia com a metrópole e promovem o reordenamento de uma sociedade que procura sustentar uma posição autônoma frente ao “mundo civilizado”. Ao se distanciar dos ideais de cultura de Portugal, desenvolvendo uma substituição dos ideais românticos por um “campo intelectual” centrado na ciência e no materialismo, os pensadores do século XIX redimensionam o papel do Brasil frente ao mundo. Na opinião de Afrânio Coutinho:

Em 1880, o Romantismo, ou a “escola subjetiva”, estava morto. Começava-se uma nova era, dominada pelo espírito filosófico, científico, de cunho materialista, naturalista, determinista. Por sua vez, o Brasil entrara num momento de grandes transformações sociais e econômicas. Era a própria estrutura da sociedade brasileira que mudara, dando início à industrialização, por sobre a tradicional composição agrária, latifundiária, aristocrática. (COUTINHO, 1969, p. 20)

A estrutura da sociedade brasileira sofre transformações ao propiciar a ascensão da burguesia ao poder, substituindo o modelo agrário-feudal, como centro de concentração política representada pelos senhores de engenho, por um modelo cuja importância das camadas urbanas é representado, posteriormente, pela figura do senhor do café.

Seguindo as mudanças da sociedade brasileira, os intelectuais acreditavam na noção do aperfeiçoamento indefinido do indivíduo, conforme os ideais do evolucionismo, libertando o homem do determinismo teológico e inserindo-o no materialismo. Nesse contexto, a literatura passou a ter como nota dominante a filosofia, o cientificismo ou as chamadas características realistas e naturalistas.

José Veríssimo, em sua *História da literatura brasileira*, dedica um capítulo ao chamado *Modernismo*. Para o crítico paraense as “novas idéias” teriam sido marcadas por fatos de “ordem política e social e ainda de ordem geral, (que) determinaram-lhe ou facilitaram-lhe a manifestação aqui.” (VERÍSSIMO, 1916, p. 314) Entre esses fatos podem-se citar a Guerra do Paraguai, as discussões entre uma visão religiosa ou laica do ensino, a guerra franco-alemã, a revolução espanhola, a proclamação da República na França (1870) — que geraram uma agitação republicana no Brasil. Todos esses fatos, aliados ao “movimento das idéias”, contribuíram para a construção de novas abordagens da literatura e cultura brasileira.

Segundo José Veríssimo, “foi nos próprios livros franceses de Littré, de Quinet, de Taine ou de Renan, influenciados pelo pensamento alemão e também pelo inglês, que começamos desde aquele momento a instruir-nos de novas idéias.” (VERÍSSIMO, 1979, p. 347)

As referências para os críticos do século XIX, via de regra, eram emprestadas da *Histoire de la littérature anglaise* (1864), de Hypolite Taine, que condicionava a produção literária a uma análise biológica. Taine desenvolve a idéia da *faculté maitreïsse*, que explica o “gênio individual” dos escritores mais importantes para uma nação. Veríssimo, seguindo Taine, também escolherá para sua *História* aqueles escritores que possuem maior representatividade para a literatura brasileira. A *faculdade-mestra* atua, portanto, como um princípio de valorização da individualidade dos escritores que, ao longo da história, tornaram-se modelos de representação artística e literária, servindo como elo entre o escritor e seu contexto.

Apesar do condicionamento da obra literária a conceitos biológicos, Taine não revela muito interesse pela história literária e a relação de continuidade ou totalidade da tradição literária na França, preferindo tratar as obras literárias a partir de suas características individuais. Aproximando o pensamento de Taine ao de Veríssimo, pode-se afirmar que ambos reuniram em si idéias e teorias que adquirem um complexo, e até mesmo contraditório, caminho crítico. No caso de Taine é possível observar a combinação entre o ideal hegeliano e a fisiologia naturalista, senso histórico e idealismo, individualidade e determinismo universal, consciência moral e intelectual. São coordenadas que complementam o pensamento de Taine ao concatenar a sociologia ao individualismo dos grandes escritores.

Precursor das relações entre sociologia e literatura, Taine procura relacionar o contexto social e político ao cenário artístico específico e suas relações com o

público literário específico. Dessa relação nasce a valorização da “representatividade” do escritor que será uma das bases do pensamento de Veríssimo ao montar a *História*. A representatividade assume, assim, o papel de vinculação entre o espírito individual das obras e a nação.

Como observa Veríssimo:

Não há na verdade nação sem literatura. Assenta a justeza deste conceito de Ferrero no postulado de que a literatura é a expressão da sociedade, a manifestação escrita do pensamento e do sentimento de um povo. Um povo que não os tivesse, dignos de serem exprimidos, e que não achasse em si os estímulos necessários à sua expressão, não seria uma nação. (VERÍSSIMO, 1979, p. 43)

Para Veríssimo o elemento nacional adquire uma gradação de significado porque pode transformar-se em critério “ideológico”, quando se trata do período colonial, ou em critério estético quando se trata dos escritores românticos. De certa forma, Veríssimo adota um ponto de vista analítico calcado no conservadorismo romântico que encara a literatura colonial como ramo da portuguesa e a literatura nacional como legitimação do caráter nacional brasileiro. Resta ao crítico, no entanto, a tensão de retratar a obra de Machado de Assis e inseri-la num contexto universal que determina a valorização do critério estético como o “natural desenvolvimento” das letras nacionais. Para João Alexandre Barbosa, a *História da literatura brasileira*:

Surgida sob o impacto poderoso que provocara no Brasil a difusão daquilo que ele mesmo (José Veríssimo) chamava de *bando de idéias novas*, sobretudo a partir dos anos 70, isto é, os princípios do positivismo, do evolucionismo e do determinismo, não apenas buscava fazer a crítica de princípios românticos que informara a atividade crítico-histórica imediatamente anterior, mas fazia da história literária a expressão de uma interpretação de largo espectro da cultura no Brasil, a *História* de José Veríssimo já revelava o diálogo, sempre problemático para um homem de sua formação, em tudo semelhante à de Sílvio Romero, com os novos modelos de crítica, instaurados, como sempre acontece, a partir das próprias inovações literárias. (BARBOSA, 2002, p.116)

Para se ter uma idéia da complexidade do campo intelectual do século XIX, José Veríssimo, ao escolher Machado de Assis para centro de seu cânone literário nacional, deixa de lado muitos escritores, como Euclides da Cunha (1866-1909) e Lima Barreto (1881-1922), que seriam conflitantes em relação aos propósitos do crítico. Assim sendo, o campo intelectual proposto por Veríssimo não poderia ser definido por escritores que mostrassem os problemas sociais do Brasil, mas por

escritores que, de certa forma, continuassem um padrão de “esfera pública” centrado nos ideais europeus de civilização.

As escolhas de Veríssimo determinam uma utilização clássica da linguagem e não experimental, no caso Euclides da Cunha e Lima Barreto, cujo padrão de cultura seria desenvolvido pela elite intelectual que se concentrava na Academia Brasileira de Letras.

Segundo João Alexandre Barbosa, a “História é muito mais obra de um crítico literário que adotava um ponto de vista histórico que obra específica de historiador literário, preocupado antes em julgar valores do que pesquisar origens ou consagrar opiniões.” (BARBOSA, 1974, p. 75)

Sílvio Romero, por exemplo, tratava a crítica como uma forma de contribuição para a cultura nacional, ao passo que, Veríssimo buscava uma concepção crítica com base nas “boas e belas letras” aliadas ao contexto sócio-econômico do Brasil.

Quando os intelectuais da “geração de 70” percebem que os ideais republicanos não atendem às expectativas dos pensadores que esperavam um modelo sócio-político-cultural progressista e engajado na solução de todos os problemas sociais, transformam o Brasil num campo de debates e polêmicas, conforme definição de Roberto Ventura:

Ao longo das polêmicas entre Romero, Veríssimo, Araripe, Capistrano de Abreu e Teófilo Braga, surgem questões até hoje presentes na crítica literária: o predomínio da história ou da estética na interpretação literária, os destaques dos fatores extrínsecos ou intrínsecos da obra, a análise do tema e conteúdo ou da forma e linguagem, o conceito genérico ou específico de literatura. A história da crítica envolve, como observa René Wellek, uma série de debates sobre conceitos recorrentes e contestados. (VENTURA, 1991, p.11)

Partido de conceitos centrados no positivismo e no cientificismo, José Veríssimo organiza um campo intelectual, convertendo a crítica literária num gênero, que traduz, legitima, e hierarquiza as obras literárias em fatores intrínsecos e extrínsecos ao campo intelectual de ação.

Agindo ambigualmente como uma espécie de representante dos escritores e porta voz do público, o crítico literário elabora seu discurso por meio de um ponto de vista literário que está agregado ao discurso de sua esfera pública. Os *conceitos* dos críticos românticos, dessa forma, procuram um ponto de equilíbrio entre história e literatura, tendo o índio como principal representante. Sílvio Romero, por outro lado, elege o mulato — tipo variadíssimo — para a elaboração de uma identidade nacional, apontando não somente a mestiçagem racial, mas a *mestiçagem moral* como forma de sustentar a nacionalidade em bases científicas, mesológicas e etnológicas (ROMERO, 1943, p.441).

Os conceitos que Veríssimo adota em sua História da literatura brasileira também possuem a característica da recorrência ou da contestação. Ao mesmo tempo em que renega algumas fontes como critério único de análise do processo de formação da literatura brasileira, o crítico procura acompanhar a evolução desta através de um sistema ou seqüência que se inicia com a transformação do nativismo em nacionalismo e, por fim, em universalismo. Veríssimo não pretende apenas historiar, como faziam os românticos, todos os escritores delimitados em escolas estéticas, mas relativizar a importância do escritor para a sociedade brasileira e selecionar aquelas obras que possuem *traços diferenciáveis* — ou passaram por uma seleção natural — fazendo parte do cânone literário nacional. José Veríssimo define que:

Menos ainda do que qualquer dos gêneros literários aqui versados, não se constitui a crítica em aplicação particular da atividade literária. E como se não tivesse outra doutrina que o gosto pessoal dos que eventualmente a faziam, fosse pura externalização de impressões, mais no intuito de louvor ou censura, que no de exame e explicação da obra, afetasse um tom retórico e ordinariamente se excedesse em divagações escusadas de trivialidades literárias ou em banalidades conceituosas, essa crítica, afora que é propriamente história literária feita por um Varnhagen, um Norberto, um Sotero e ainda um Fernandes Pinheiro, apenas deixou de si um outro documento estimável. Nada obstante foi útil e, ainda com as suas falhas e defeitos, serviu ao desenvolvimento das nossas letras. (VERÍSSIMO, 1916, p. 275)

Sem adotar uma postura única, Veríssimo possui um *senso de relatividade*, que faz sua atividade crítica ser norteadada por uma infinidade de princípios estéticos e filosóficos que aparentemente sugerem uma idéia de livre-pensador, conforme Moisés Velinho ou Afrânio Coutinho, que na mesma direção considera que tal senso de relatividade é limitado ao processo de formação do campo intelectual proposto pelo crítico.

Um processo de “antropofagia” toma conta do crítico literário ao traçar o percurso histórico da literatura brasileira através daquelas obras mais representativas para determinado público-leitor.

No caso de José Veríssimo, o “processo antropofágico” se faz presente na releitura de teóricos, matrizes e modelos europeus que ganham uma nova abordagem por parte do crítico pois, de certa forma, são aclimatados ao ambiente brasileiro. Apesar da vinculação ao método de Taine e seus discípulos, Scherer na Alemanha, Brandes na Dinamarca e Brunetière na França, o crítico paraense consolida suas idéias a partir da configuração de uma *História da literatura brasileira* que considera o “natural” desenvolvimento da cultura, vinculado a um aprimoramento estético, formado por idéias e conceitos muitas vezes

contraditórios, moldados pela revisão de sua própria obra, de seus conceitos e, principalmente, de um horizonte de leituras extremamente abrangente.

O resultado é a definição de um cânone literário interligado ao desenvolvimento de uma consciência nacional e à recuperação de uma cultura de fundo “iluminista”, que corre o risco de ser esquecida pela mudança das estruturas sociais.

A tarefa de Veríssimo, dessa forma, não é apenas de acompanhar através dos tempos o percurso de um objeto chamado literatura, a partir de uma definição comum para todas as épocas, “literatura como arte literária” segundo Veríssimo. É também preservar uma seleção de obras que “evoluem” para a representação de uma autonomia entendida como o rompimento dos vínculos com a metrópole e, conseqüentemente, a concepção de uma identidade própria para a cultura brasileira. Essa identidade, por sua vez, estaria atrelada aos princípios da crítica de Brunetière — julgamento, classificação e explicação — cujo modelo literário, voltado para a tradição francesa, valoriza os ideais morais e clássicos do passado através de posições-chave para o crítico: editor-chefe na *Revue des Deux Mondes*, professor da École Normale e membro da Academia Francesa.

Brunetière desenvolve uma visão pragmática da crítica e da história literária cujo papel deveria focalizar as obras literárias em si mesmas. Veríssimo utiliza-se dos três conceitos de Brunetière ao estabelecer que o julgamento deve isentar-se de qualquer preferência pessoal, impressão ou prazer subjetivo. Para o crítico francês, a crítica não deveria ser formada por uma rígida estrutura sistemática porque correria o risco de tornar-se um ramo do conhecimento social, mas ter um arcabouço teórico que sustentasse concepções literárias e artísticas (BRUNETIÈRE, 1884, p. 35). Outra lição de Brunetière resgatada por Veríssimo se refere aos pressupostos de uma teoria da história literária capaz de recortar o passado através das obras e escritores mais importantes e não a partir da formação de uma história da literatura confundida com um dicionário literário ou com uma história dos costumes. Conforme Brunetière:

Literatura, diríamos, move-se por ação e reação, convenção e revolta. Esse movimento não é, decerto, automático, mas resultado de forças humanas; uma obra original muda a direção do desenvolvimento; uma obra convencional o continua ou o repete. A individualidade adquire assim um enorme papel histórico nesse esquema de um bom neoclássico; assim, a individualidade “introduz na história literária algo que não existia antes, que não existiria sem ela, que continuará depois dela. (WELLEK, 1973, p. 63)

A lição sobre o cânone também servirá de parâmetro para as escolhas de Veríssimo ao montar sua *História da literatura brasileira*. É importante salientar que o conceito de evolução de Brunetière valoriza o “momento”, ou ponto de mudança, do aparecimento de uma obra singular inserida num “mapa geral” da evolução

literária. Ao escrever sua *História* num momento de mudanças na estrutura da sociedade brasileira, em que se tem a definição de uma sociedade industrial, tecnocientífica e urbana, Veríssimo valorizará o “momento passado” como modelo estético para a recuperação de um ideal clássico de literatura.

O resultado da influência de Brunetière no pensamento de Veríssimo é a elaboração de uma história da literatura construída segundo uma herança cultural nacional filiada ao contexto do século XIX, que servirá como ponto de apoio para futuros historiadores. O ideal do crítico, portanto, seria apresentar uma totalidade de escritores e obras articuladas através da inter-relação de elementos estéticos, históricos, sociais, culturais e filosóficos.

Apesar de estar em contato com várias teorias e estéticas, José Veríssimo busca, em sua *História*, uma totalidade orgânica que entrelaça um ideal universal de beleza à manifestação de um espírito nacional original e independente. A constante busca por uma renovação de idéias e teorias, como define Heron de Alencar (VERÍSSIMO, 1963, p. 13), ou o amadurecimento do crítico através da distinção das três fases do crítico paraense feita por João Alexandre Barbosa (BARBOSA, 1974, p.40), mostram José Veríssimo estabelecendo uma conexão entre a formação de uma história liberal, calcada nos ideais da filosofia e arte clássica, e uma história da nação brasileira que tem como princípio a definição de um povo e uma cultura independente e original. De certa forma seria a comprovação do resultado de um processo civilizatório que transforma a colônia em república independente.

Carregado de tensões, o campo social está integrado ao campo intelectual na formação da identidade nacional: na primeira metade do século XIX a identidade nacional estava ancorada na noção de pátria, povo, língua e território. Na segunda metade do século XIX, as questões de raça e meio geográfico estão interligadas aos ideais de nação e construção da cultura brasileira. Essa construção, no caso de Veríssimo, será solidificada através da definição de um cânone literário que considera o Rio de Janeiro como o representante ideal da cultura nacional.

Sintetizando suas preocupações intelectuais, José Veríssimo cria alguns pressupostos para sua *História*: a literatura brasileira é independente e reflete o pensamento de um povo porque adquiriu uma certa autonomia lingüística que cria obras com características inerentes a uma nação independente. A literatura brasileira é formada por dois períodos (colonial e nacional) que se vinculam ao “desenvolvimento” da sociedade brasileira.

Literatura é arte literária: essa definição de Veríssimo será o ponto de partida para a utilização de um instrumental crítico que fará a separação entre uma visão histórica da literatura, presente no período colonial, de uma visão estética da literatura. Assim sendo, a *História* segue um caminho cronológico que expõe a “marcha” da literatura nacional a partir da “seqüência natural dos fatos literários” (VERÍSSIMO, 1916, p. 33) vinculados à “evolução” literária nacional, através da articulação entre o ponto de vista estético e o histórico em que os escritores são divididos em “singular individualidade” ou “subsidiários”. O resultado de tal

compreensão, por parte de Veríssimo, é a idéia de que “desenvolvimento implica formação e vice-versa” (VERÍSSIMO, 1916, p. 25) porque, a partir do Romantismo, a literatura brasileira sofre novos contatos e novas reações; a literatura é formada pela inter-relação entre leitor/obra/público. Os escritores selecionados por José Veríssimo, dessa forma, nasceram no Brasil e a história da literatura deve estar preocupada apenas com aqueles escritores que sobrevivem na memória coletiva da nação.

Outra característica importante para a seleção dos escritores que compõem a *História da literatura brasileira* é a definição de que, isolada ou em relação ao seu meio e seu tempo, a obra literária deve possuir “virtudes de pensamento e de expressão” (VERÍSSIMO, 1916, p. 33) possuir um interesse permanente e dar prazer intelectual aos leitores.

Esses pressupostos entrelaçam-se na busca de uma justificativa e significação para a obra de Veríssimo no contexto do século XIX. Não é por acaso, portanto, que o crítico inicia sua “Introdução” delineando o processo de emancipação cultural do Brasil:

A literatura que se escreve no Brasil é já a expressão de um pensamento e sentimento que se não confundem mais com o português, e em forma que, apesar da comunidade da língua, não é mais inteiramente portuguesa. É isto absolutamente certo desde o Romantismo, que foi a nossa emancipação literária, seguindo-se naturalmente à nossa independência política. Mas o sentimento que o promoveu e principalmente o distinguiu, o espírito nativista primeiro e o nacionalista depois, esse veio formando desde as nossas primeiras manifestações literárias, sem que a vassalagem ao pensamento e ao espírito português lograsse jamais abafá-lo. É exatamente essa persistência no tempo e no espaço de tal sentimento manifestado literariamente, que dá à nossa literatura unidade e lhe justifica a autonomia. (VERÍSSIMO, 1916, p. 23)

As palavras de Veríssimo demonstram sua persistência em valorizar o processo de formação da literatura brasileira a partir da criação de uma cultura peculiar ao Brasil e de uma língua, que se altera em contato com o meio e diversas culturas e, assim, sofre as modificações de seu tempo e espaço. Para o crítico, sua *História* representa a unidade de uma literatura que adquiriu características próprias e autonomia suficiente para selecionar aqueles escritores mais representativos — seja do ponto de vista histórico, seja do ponto de vista estético — delimitando o campo de ação do crítico.

Veríssimo pensa o Brasil segundo os postulados de uma *História da literatura brasileira* comprometida com o processo de desenvolvimento da nação e sistematização cronológico-interpretativa em que a miscelânea de fontes utilizadas cumpre o papel de explicar o desenvolvimento das letras no Brasil.

3. CONCLUSÕES EM ABERTO

Em suma, a definição da crítica literária enquanto gênero e como instância mediadora entre o público e o escritor, estabelece um poder centralizador capaz de vincular a literatura aos demais ramos do conhecimento, como define José Veríssimo, e aliar a história da literatura brasileira ao incremento das artes e ao desenvolvimento do meio; “nosso progresso literário, correlacionado com a nossa evolução nacional”. (VERÍSSIMO, 1916, p. 35)

Gradativamente, a *História* vai abandonando o critério de nacionalidade, herdado da crítica romântica, substituindo-o por noções estéticas que colocam a literatura nacional no plano universal. Aliado a essa valorização da “universalidade” da literatura nacional se constrói o campo de ação do crítico literário e a especialização do discurso sobre a literatura. É importante notar, também, que para o crítico a literatura brasileira vai abandonando a valorização das “escolas literárias” em nome de “individualidades”, superando, assim, o modelo naturalista.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, H. Sobre José Veríssimo. In: VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 4a. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

BARBOSA, J. A. *Alguma Crítica*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002.
_____. *A tradição do impasse: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.

BRUNETIÈRE, Ferdinand. *Histoire et littérature*. Paris: Calmann Lévy, 1884.

COUTINHO, A. *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global Editora, 1969.

MACHADO DE ASSIS, J. M. A nova geração. In: MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.

MOREIRA, M. E. *Nacionalismo literário e crítica romântica*. Porto Alegre: IEL, 1991.

ROMERO, S. *História da literatura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. tomo 5.

TAINÉ, H. *Histoire de la littérature anglaise*. Paris: Hachette, 1864. 5 v.

Marcio Roberto Pereira
Sidney Barbosa

JOSÉ VERÍSSIMO: DA VALORIZAÇÃO ETNOLÓGICA À DEFESA ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO

VENTURA, R. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, J. *Estudos brasileiros*. II, Rio de Janeiro: Laemmert, 1894.

_____. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 1º milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916

_____. A nossa evolução literária. In: _____. *Últimos estudos de literatura brasileira: sétima série*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

JOSÉ VERÍSSIMO: FROM ETHNOLOGICAL VALORIZATION TO IMPORTANCE OF ESTHETICS IN THE BUILDING OF A BRASILIAN LITERARY CANON

ABSTRACT: This essay analyses the *História da literatura brasileira* (1916), of José Veríssimo, that fixes a rupture among his criticism and the romantic one and scientific method of interpretation taking as a basis a theoretical eclecticism that makes him distrustful of enclosed methods or restricted classifications. From ethnological valorization to National sentiment or from scientificism to the support of his theories about the importance of esthetics in the building of a Brazilian literary canon, José Veríssimo's critical works are based upon an organicity that leads him to refined criteria.

Keywords: Brazilian literature; canon, José Veríssimo; literary criticism; tradition

Recebido em 29 de maio de 2009; aprovado em 30 de junho de 2009.